



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia

Os portugueses e o acolhimento de refugiados: Privação relativa e hostilidade intergrupar

Maria Teresa de Jesus Neves

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Rita Guerra, Investigadora Auxiliar,

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro/2016



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia

Os portugueses e o acolhimento de refugiados: Privação relativa e hostilidade intergrupar

Maria Teresa de Jesus Neves

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Rita Guerra, Investigadora Auxiliar,

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro/2016

Agradecimentos

À minha orientadora, doutora Rita Guerra, pela dedicação e competência demonstrada, por ter sido incansável no apoio dado ao longo destes últimos meses.

A todos os docentes que me acompanharam ao longo do meu percurso, pelo contributo dado na minha formação pessoal, académica e profissional.

Aos meus amigos que me acompanharam neste longo caminho, pelos momentos partilhados.

À minha família, o meu maior pilar, pelo apoio dado.

Acima de tudo, aos meus pais, o meus primeiros e principais educadores, por tornarem tudo isto possível.

Resumo:

A privação relativa grupal tem sido estudada como preditora de atitudes intergrupais negativas e ainda da adesão a protestos e políticas nacionalistas e anti- imigração. Neste trabalho procurámos analisar a relação entre privação relativa grupal dos portugueses e as suas atitudes face aos refugiados. Concretamente, e alargando a literatura existente sobre os efeitos negativos da privação relativa, explorámos novos mecanismos (i.e., crenças de impacto negativo, desumanização, e angústia coletiva) através dos quais a privação relativa grupal está associada a relações intergrupais negativas. Através da aplicação de um questionário a cidadãos portugueses (N=363) verificou-se, tal como esperado, que os portugueses que se sentiam privados face a outros cidadãos europeus apresentavam atitudes mais negativas face a refugiados (e.g., racismo moderno, distância social, e apoio a políticas restritivas de acolhimento). Especificamente, níveis elevados de privação grupal estiveram associados a uma maior adesão a crenças de impacto negativo dos refugiados e à desumanização (i.e., negação da natureza humana), que por sua vez se associaram a um maior desejo de distância social face aos refugiados, maior racismo moderno e apoio a políticas que restringem o seu acesso a benefícios sociais. Estes resultados alargam a investigação existente, em particular ao demonstrarem que percepção de privação face a um exogrupo pode ter um efeito generalizado nas relações intergrupais, originando atitudes negativas face a outro grupo que não está diretamente relacionado com o sentimento de privação. Contrariamente ao esperado, esta relação não foi particularmente forte para os indivíduos que se identificam narcisicamente com Portugal.

Palavras chave: Privação relativa grupal, atitudes intergrupais, desumanização, crenças de impacto, narcisismo coletivo.

PsycINFO Codes:

3000 Psicologia Social

3020 Processos Grupais & Interpessoais

Abstract

Relative group deprivation has been studied as a predictor of negative intergroup attitudes, as well as, of supporting nationalist and anti-immigration protests and policies. The current work examines the relation between relative group deprivation of Portuguese and their attitudes toward refugees. Specifically, extending the existent literature on the negative effects of relative deprivation, we explored new underlying mechanisms (i.e., negative impact beliefs, dehumanization, and collective angst) through which relative group deprivation is associated with negative intergroup attitudes. Participants (N = 363) completed a survey. Results showed that, as expected, Portuguese who felt deprived relative to other European citizens revealed more negative attitudes toward refugees (i.e., modern racism, social distance, and support for restrictive hosting policies). Specifically, higher levels of group deprivation were associated with higher endorsement of beliefs about the negative impact of refugees and higher dehumanization (i.e., denial of human nature), which were then associated to a higher desire of social distance toward refugees, higher modern racism, and support for policies that constrain their access to social benefits. These results extend the existent research, namely by demonstrating that feeling deprived relative to an outgroup can have an extend impact on intergroup relations, triggering negative attitudes towards a different outgroup that is not directly related to the deprivation source. Contrary to the expected, this relation was not particularly stronger for individuals high on collective narcissism.

Keywords: Relative group deprivation, intergroup attitudes, dehumanization, impact beliefs, collective narcissism.

PsycINFO Codes:

3000 Social Psychology

3020 Group & Interpersonal Processes

Índice

Introdução	1
Capítulo I- Contextualização	2
Capítulo II- Enquadramento teórico	5
2.1- Privação relativa grupal e atitudes intergrupais	5
2.2-Mecanismos psicológicos através dos quais a privação relativa grupal influencia as atitudes intergrupais	7
2.3- Privação relativa grupal e narcisismo coletivo	10
2.4- Objetivos e hipóteses	12
Capítulo III- Métodos	13
3.1- Amostra	13
3.2-Procedimento	13
3.3- Instrumentos	14
3.3.1- Dados sociodemográficos	14
3.3.2-Privação relativa grupal	14
3.3.3-Negação da discriminação	14
3.3.4- Crenças sobre o impacto dos refugiados	14
3.3.5-Desumanização	15
3.3.6- Angústia coletiva	15
3.3.7- Racismo moderno	15
3.3.8- Distância social	15
3.3.9- Apoio a política anti-imigração	15
3.3.10- Narcisismo coletivo	16
3.3.11- Identificação endogrupal	16
Capítulo IV – Resultados	16
4.1- Privação relativa grupal e atitudes face a refugiados	17
4.1.1- Privação relativa grupal, impacto dos refugiados, desumanização, angústia coletiva e negação da discriminação	17
4.1.2- Privação relativa grupal e racismo moderno	17
4.1.3- Privação relativa grupal e distância social face a refugiados	17

4.1.4- Privação relativa grupal e apoio a políticas anti-imigração	18
4.2- Efeito moderador do narcisismo coletivo	18
4.3- Narcisismo coletivo e atitudes face a refugiados vs outras formas de identificação	20
Capítulo V- Discussão	22
5.1- Limitações e orientações futuras	24
Referências	27
Anexo A	31

Índice de tabelas

Tabela 4.1- Médias, Desvios-padrão e correlações	19
Tabela 4.2- Coeficientes do modelo de mediação	21

Índice de figuras

Figura 2.1- Modelo teórico	12
----------------------------	----

“A crise económica mundial tem dois impactos (na ajuda aos refugiados): reduz a ajuda humanitária às populações necessitadas, mas é também um gatilho para a instabilidade e para o conflito em muitas situações” (António Guterres, 2012).

Esta declaração, proferida pelo Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, alerta-nos para a relação existente entre a crise económica e a incapacidade de solucionar a atual crise humanitária dos refugiados. Recorde-se que grande parte da Europa sofreu os efeitos da crise económica iniciada em 2008 (Karanikolos et al., 2013), e que essa mesma Europa se depara agora com um enorme fluxo de migrantes em busca de asilo, muitos deles refugiados vítimas de conflitos como o da Síria (UNHCR, 2015). Importa, portanto, compreender se e como esta crise económica pode estar associada a fenómenos como a oposição ao acolhimento de refugiados ou à crescente proliferação de partidos de extrema direita baseados em ideologias xenófobas, visível na Europa.

O presente estudo teve como objetivo explorar, recorrendo ao conceito de privação relativa grupal, se o facto dos portugueses se sentirem privados relativamente a outros cidadãos europeus afeta as suas atitudes face aos refugiados que chegam à Europa. O exogrupo usado como referência neste trabalho foram os outros europeus, uma vez que estes se incluem na mesma categoria supraordenada que os portugueses, a Europa, sendo recorrente estabelecer-se comparações entre ambos, nomeadamente a nível salarial onde é visível que os portugueses se encontram entre os europeus que menos recebem pelo seu trabalho, apresentando valores inferiores à média da União Europeia (Eurostat, 2016). Esta discrepância financeira e económica entre Portugal e os outros países europeus é percecionada pelos portugueses, sendo notória nos argumentos usados contra o acolhimento de refugiados. De facto, um dos argumentos mais utilizados na justificação do não acolhimento de refugiados foi precisamente a situação económica do país, mais pobre do que outros estados-membros (e.g., a petição pública lançada contra o acolhimento de refugiados com base na situação de pobreza). (<http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT78324>; <http://www.refugiados.pt/a-crise-dos-refugiados/mitos-medos>.)

A privação relativa grupal é um conceito clássico da psicologia social definido como a percepção, por parte do indivíduo, de uma desvantagem considerada injusta do seu endogrupo em relação a outro grupo de referência, e os sentimentos de frustração e raiva que dessa percepção advêm (Runciman, 1966). Estudos anteriores têm demonstrado

que a privação relativa grupal está relacionada com atitudes intergrupais negativas (Pettigrew, Christ, Wagner, Meertens, Dick & Zick, 2008) e ainda com ações coletivas como a participação em protestos e apoio a políticas nacionalistas (Guimond & Dubé-Simard, 2015) e anti-imigração (Jetten, Mols, & Postmes, 2015). Os efeitos negativos da privação relativa grupal devem-se, em parte, a mecanismos de negação da discriminação (Pettigrew et al., 2008).

Este estudo pretende alargar a investigação existente sobre os mecanismos que explicam os efeitos negativos da privação relativa grupal nas atitudes intergrupais. Assim, foram analisadas outras variáveis anteriormente testadas como preditoras de hostilidade intergrupar mas não como mediadoras na relação entre privação relativa grupal e atitudes negativas: as crenças de impacto negativo (Valentino, Brander, & Jardina, 2012), a desumanização (Haslam, 2006) e a angústia coletiva (Wohl, Squires, & Caouette, 2012).

Por fim, considerámos ainda o facto de investigações anteriores terem demonstrado que indivíduos que se identificam fortemente com o endogrupo nacional são mais propensos a sentirem-se relativamente privados e, por consequência, apresentarem comportamentos hostis face ao exogrupo (Pettigrew et al., 2008). Assim, e com base em estudos que confirmam que apenas formas narcísicas de identificação endogrupal predizem hostilidade intergrupar (e.g., Zavala, Cichocka, & Bilewicz, 2012) explorámos ainda se a relação entre privação relativa grupal e atitudes negativas face aos refugiados será mais forte em indivíduos que se identificam narcisicamente com Portugal.

Com este estudo procuramos contribuir para uma melhor compreensão da privação relativa grupal enquanto preditor de hostilidade intergrupar, analisando novos mecanismos num modelo teórico mais abrangente que permitirá uma análise mais completa da realidade social complexa vivenciada, atualmente, em Portugal. Além do contributo teórico, esperamos também que os resultados obtidos contribuam para a diminuição da hostilidade sentida face aos refugiados beneficiando assim a sua integração na sociedade portuguesa.

Capítulo I - Contextualização

Tradicionalmente a explicação do suporte a políticas anti-imigração, assim como de outras atitudes negativas face a imigrantes, centrou-se nos períodos de crise

económica e nas classes sociais mais empobrecidas, indo ao encontro da teoria da privação relativa, segundo a qual indivíduos privados tendem a desenvolver comportamentos de retaliação face a exogrupos (Pettigrew, 2015). Ou seja, sugere-se que o apoio a políticas anti-imigração se deve, em parte, ao clima de competição e conflito por recursos que escasseiam, o que justificaria a proliferação deste tipo de ideologias durante a Grande Depressão da década de 30 (Jetten, et al., 2015) ou até mesmo o que acontece atualmente na Europa. A compreensão do modo como a privação e a identidade grupal influenciam o apoio à mudança social é de extrema relevância para qualquer país devido, por exemplo, à sua potencial expressão em resultados eleitorais, apoiando partidos que apresentem políticas anti-imigração ou ideais xenófobos, (Abrams & Grant, 2011).

A Europa vivencia uma crise económica, social e financeira desde 2008. Esta crise afetou quase todo o continente, contudo problemas específicos de alguns países, como Portugal, agravaram ainda mais os efeitos da mesma (Karanikolos et al., 2013). Alguns desses efeitos foram a diminuição dos salários e o aumento do trabalho temporário, a insegurança laboral e o aumento do desemprego (Buffel, Van de Velde, & Bracke, 2015). Recorde-se que Portugal registou 17.7% de taxa de desemprego em 2013 (Instituto nacional de estatística, 2013), valor que se encontra agora nos 12% (Instituto Nacional de Estatística, 2016), ainda assim uma das maiores da zona euro. Assim espera-se que, dada a situação de crise prolongada, os portugueses apresentem valores elevados de privação, sendo esta privação sentida particularmente em relação aos outros cidadãos europeus.

Tendo em conta os efeitos negativos que a privação relativa tem consideramos importante compreender se a crise económica, e o sentimento de privação a ela associado, podem estar relacionados com o surgimento de atitudes anti-imigração na Europa. Recordemos que apesar de alguns movimentos anti-imigração já existirem anteriormente, estes têm vindo a ganhar força nos últimos anos. Por exemplo, na Holanda, o “Partido para a Liberdade”, com posições anti-imigração, quase triplicou em 2010 o número de deputados eleitos em 2006. Também em 2010, a extrema-direita conseguiu pela primeira vez eleger deputados na Suécia (Jetten, et al., 2015). Este aumento do apoio a partidos de extrema direita e anti-imigração verificou-se também em muitos outros países como França, Alemanha e Polónia. No caso da Alemanha, 11 dos seus 16 parlamentos regionais contam já com a representação do partido de

extrema-direita, Alternativa para a Alemanha. Assim, e apesar desta realidade ainda não ser muito expressiva em Portugal, é importante não só perceber se os portugueses se sentem privados relativamente a outros europeus, mas também se esse sentimento de privação se relaciona com atitudes anti-imigração, como por exemplo o racismo ou o apoio a políticas restritivas de apoio aos refugiados.

Para compreender a realidade vivenciada na Europa atualmente é importante referir que a crise financeira ocorreu quase paralelamente à crise dos refugiados potenciada pela guerra civil na Síria que se iniciou em 2011. Entenda-se por refugiados “ *A pessoa que receando com razão ser perseguido em consequência de atividade exercida no Estado da sua nacionalidade ou da sua residência habitual em favor da democracia, da liberdade social e nacional, da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana ou em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, convicções políticas ou pertença a determinado grupo social, se encontre fora do país de que é nacional e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir proteção desse país ou a apátrida que, estando fora do seu país em que tinha a sua residência habitual, pelas mesmas razões não possa, ou em virtude do referido receio, a ele não queira voltar.*” (Constituição da República Portuguesa, 2005). Ou seja, os refugiados distinguem-se dos outros migrantes pelo facto da sua deslocação para outro país não ter um carácter voluntário. No final do ano de 2015 existiam no mundo 65.3 milhões de deslocados devido a guerras e conflitos. Estes números englobam deslocados internos e refugiados, sendo que estes últimos ascendiam aos 21.3 milhões, dos quais quase 5 milhões eram originários da Síria. (UNHCR, 2015). Atendendo a esta realidade, ao longo deste trabalho, foram analisadas as atitudes apenas face a refugiados, não contemplando aqueles que migram voluntariamente.

Recorde-se ainda que, em resposta a esta crise de humanitária, a União Europeia apresentou uma solução conjunta de redistribuição dos refugiados pelos países membros. Esta solução não foi, contudo, aceite por unanimidade havendo países que se opuseram, levando ao surgimento de medidas nacionalistas. como nos casos da Áustria, Hungria ou Eslovénia (Postelnicescu, 2016). Assim, apesar de Portugal ter aceite esta solução, considera-se oportuno averiguar se, sendo Portugal um país em crise, o sentimento de privação dos portugueses pode originar atitudes negativas face aos refugiados que comprometam o sucesso do cumprimento do compromisso de realojar cerca de 5000 refugiados. Essas atitudes negativas englobam não apenas o apoio a

medidas políticas nacionalistas, como ocorreu nos países já mencionados, mas também manifestações de racismo subtil face a refugiados ou atitudes menos favoráveis à proximidade com os mesmos, o que pode comprometer severamente a sua integração na sociedade.

Capítulo II- Enquadramento teórico

2.1-Privação Relativa Grupal e Atitudes intergrupais

O conceito de privação relativa foi desenvolvido por Stouffer (1949), no âmbito de um estudo sobre soldados americanos, no qual foram analisados os motivos que levavam os polícias militares a estarem mais satisfeitos com as suas promoções lentas do que os soldados da força aérea que tinham promoções mais rápidas. Concluiu-se, que tal facto derivava das comparações realizadas, ou seja, os polícias militares comparavam as suas promoções às de outros polícias militares, e não às dos soldados da força aérea, com quem mantinham pouco contacto, não se sentindo por isso privados. O mesmo acontecia com os soldados afro-americanos no sul dos Estados Unidos, que se sentiam menos privados que os do norte, apesar de na década de 40 a segregação racial ser mais evidente no sul. Comprovou-se que isto se devia ao facto dos soldados afro-americanos se compararem aos restantes afro-americanos do sul e não aos soldados do norte. Assim, o sentimento de privação não se baseia apenas em padrões absolutos, mas deriva essencialmente de comparações sociais e dos julgamentos que destas advém (Pettigrew, 2015).

Apesar da privação relativa ser um conceito clássico da psicologia social, o seu impacto nas relações intergrupais não tem sido muito explorado, em detrimento de outras variáveis como o contacto, a categorização ou a identidade social. Contudo, o interesse crescente que vários autores têm demonstrado recentemente por esta temática denota a necessidade de melhor compreender as consequências da privação, integrando-a em modelos teóricos mais abrangentes, que permitem uma melhor visão de como as pessoas reagem às (des)igualdades no atual contexto social (Smith & Pettigrew, 2015).

Pode definir-se privação relativa como o julgamento que o indivíduo faz de que ele próprio ou o seu endogrupo, se encontra em desvantagem face a outra pessoa ou grupo de referência, e os sentimentos que deste julgamento advém. O processo de privação relativa é constituído por quatro etapas: 1- o indivíduo realiza uma comparação cognitiva; 2- em resultado dessa comparação, conclui que ele próprio ou o seu

endogrupo estão em desvantagem; 3- essa desvantagem é percebida como injusta, e; 4- a desvantagem considerada injusta provoca no indivíduo sentimentos de raiva e ressentimento (Pettigrew & Smith, 2015). Podem então identificar-se duas componentes da privação relativa, uma cognitiva, ao realizar a comparação e outra componente emocional constituída pelas reações emocionais ao julgamento fruto dessa comparação (Guimond & Dubé- Simard, 1983)

O principal objetivo deste estudo é verificar através de que mecanismos, a privação relativa influencia as atitudes para com o exogrupo, que neste caso específico serão os refugiados que chegam à Europa. Contudo, para uma correta análise desta temática há que ter em consideração a distinção entre privação relativa individual e privação relativa grupal (Runciman, 1966). A privação relativa individual é resultado da comparação entre o próprio indivíduo e outra pessoa, enquanto que a privação relativa grupal resulta da comparação estabelecida entre o seu endogrupo e um exogrupo de referência. (Smith & Pettigrew, 2015; Pettigrew et al., 2008; Pettigrew, 2015).

Este trabalho apenas incidiu na privação relativa grupal, uma vez que é este tipo de privação, no qual o indivíduo se sente privado enquanto membro de um grupo, que prevê comportamentos coletivos e atitudes intergrupais como, por exemplo, a hostilidade (Pettigrew, et al., 2008). Enquanto que a privação relativa individual tem repercussões nos estados internos do indivíduo, como depressão e stress, e nas suas atitudes individuais como, por exemplo, no rendimento académico e profissional, agressividade interpessoal e uso de drogas (Pettigrew, 2015). Estudos anteriores têm confirmado isto mesmo, demonstrando que apenas a privação relativa grupal se relaciona com atitudes hostis face aos exogrupos. Estes estudos foram realizados numa grande variedade de populações, obtendo-se resultados semelhantes em contextos sociais distintos, como é visível no exemplo seguinte. Pettigrew e seus colaboradores (2008) comprovaram que apenas a privação relativa grupal tem uma relação direta com o preconceito, enquanto que a privação relativa individual apenas teria um efeito indireto mediado pela privação relativa grupal. Estes resultados foram constantes nos três estudos realizados, nos quais foram analisadas amostras de vários países (i.e., Alemanha, Grã-Bretanha, França e Holanda), contando com um total de 7312 participantes (Pettigrew, et al., 2008)

Também se comprovou que o sentimento de privação enquanto membro de um endogrupo motiva a adesão a ações coletivas (Smith & Pettigrew, 2014), como a

participação em protestos e o apoio a políticas nacionalistas (Guimond & Dubé-Simard, 1983) e anti-imigração (Jetten, Mols & Postmes, 2015). Assim, tomando como endogrupo de referência o grupo nacional, espera-se que os indivíduos que se sintam relativamente privados enquanto portugueses apresentem atitudes negativas face aos refugiados.

Salientamos, que uma das inovações do presente estudo é tentar compreender se o facto dos portugueses se sentirem privados face a outros europeus tem influência nas suas atitudes face a refugiados, ou seja, se o facto dos indivíduos se sentirem privados relativamente a um grupo pode originar hostilidade face a outro grupo que não está diretamente relacionado. Os estudos de privação relativa grupal realizados até ao momento tendem a relacionar o sentimento de privação face a um exogrupo com atitudes negativas face ao mesmo. Contudo, estudos relacionados com outras temáticas mostraram que emoções grupais como a culpa ou a vergonha endogrupal face a um ato perpetrado pelo endogrupo afetam atitudes intergrupais generalizadas face a outros grupos, ainda que estes não estejam diretamente relacionados com a emoção sentida (Rees, Allpress & Brown, 2013).

2.2- Mecanismos psicológicos através dos quais a privação relativa grupal influencia as atitudes intergrupais

Em estudos anteriores concluiu-se que a relação entre privação relativa grupal e atitudes negativas face ao exogrupo era mediada por um único fator: a negação da discriminação (Pettigrew et al., 2008). Assim, e respondendo à necessidade de integrar a privação relativa grupal em modelos mais abrangentes que permitam uma melhor compreensão dos seus efeitos nas relações intergrupais, neste estudo exploramos mecanismos adicionais através dos quais a privação relativa grupal afeta as relações entre grupos. Especificamente, exploramos o papel mediador das crenças sobre o impacto dos refugiados na comunidade portuguesa, da desumanização e da angústia coletiva.

Propomos que o facto dos portugueses se sentirem privados está positivamente associado à crença de que o acolhimento de refugiados terá um impacto negativo na comunidade portuguesa. De facto, a oposição à entrada de imigrantes na Europa tem aumentado nos últimos anos, a par da crise económica e social que se iniciou em 2008 (Valentino, Brader, & Jardina, 2012). Isto deve-se, em parte, ao facto da opinião

pública considerar que a imigração tem um impacto negativo na vida económica e cultural do país. No caso das questões económicas as mesmas são divisíveis, essencialmente, em dois fatores: a competição no mercado laboral e o impacto negativo nos serviços públicos, muitas vezes associado, também, ao aumento da carga fiscal dos nativos do país. (Valentino, et al., 2012; Héricourt & Spielvogel, 2014). As crenças acerca do impacto da imigração têm por base perceções subjetivas e não factos objetivos (Héricourt & Spielvogel, 2014), sendo comumente associadas a períodos de recessão económica, uma vez que neste contexto existe a perceção que nativos e imigrantes competem por empregos e recursos públicos escassos. De facto, o aumento do apoio a políticas anti-imigração na Europa tem sido, em parte, associado à crise vivenciada após a grande recessão de 2008-2009 (Bridges & Mateut, 2014; Iturbe-Ormaetxe & Romero, 2015; Héricourt & Spielvogel, 2014). Tendo em conta o longo período de crise económica que Portugal atravessa, caracterizado por altas taxas de desemprego e pela implementação de políticas de austeridade, esperamos que os portugueses apresentem níveis de privação grupal elevados. A elevada privação, por sua vez, estará associada a atitudes negativas face aos refugiados, em parte, através da crença que os mesmos terão um impacto negativo no país, a nível laboral e cultural.

Um outro fator que tem sido associado a atitudes negativas face ao exogrupo, e concretamente à redução de comportamentos de ajuda em situações de catástrofe, é a desumanização (Costello & Hodson, 2014; Cuddy, Rock, & Norton, 2007). Entende-se por desumanização o processo psicológico através do qual se percebe o outro como menos humano. Em contexto intergrupal, o processo traduz-se na não atribuição de características ou emoções exclusivamente humanas aos membros do exogrupo (Costello & Hodson, 2014). Estudos anteriores analisaram a relação entre desumanização e o desejo de ajudar em situações de desastres naturais. Por exemplo, um estudo realizado duas semanas após o furacão Katrina, demonstrou que a relutância em atribuir emoções humanas a membros de outros grupos reduzia a disponibilidade para ajudar os mesmos, através de trabalho voluntário (Cuddy, et al., 2007).

É possível identificar dois tipos de desumanização que se baseiam na negação de dois sentidos distintos da natureza humana: a *singularidade humana*, que diz respeito àquilo que diferencia as pessoas dos animais, como a racionalidade e a moralidade; e a *natureza humana*, que constitui a essência do ser humano, como as emoções. Assim a negação destas características corresponde a uma aproximação do indivíduo a animais

ou robots, respetivamente (Andrighetto, Baldissarri, Lattanzio, Loughnan, & Volpato; 2014). Investigação recente, examinou o impacto destes dois tipos de desumanização em dois contextos específicos de catástrofe natural (i.e., sismos de grande magnitude no Haiti e no Japão).

A escolha destes países deveu-se ao facto dos países do caribe, como o Haiti, tenderem a ser desumanizados através da negação da singularidade humana, enquanto indivíduos asiáticos tendem a ser desumanizados através da negação da natureza humana, o que permitiu comparar os resultados dos dois tipos de desumanização. Concluiu-se que ambas as formas de desumanização do exogrupo diminuem a disponibilidade de ajudar os membros do mesmo em caso de desastre natural (Andrighetto, et al., 2014). No presente estudo, espera-se também que a desumanização seja um dos mecanismos que medeia a relação entre privação relativa grupal e atitudes negativas face aos refugiados, sendo que os indivíduos que percecionem os refugiados como menos humanos tenham mais tendência a apresentar atitudes racistas, a ser menos favoráveis a ter relações de proximidade com os mesmos e a apoiar medidas políticas anti-imigração, neste caso contra o acolhimento de refugiados.

Por último, importa referir que também consideramos que o facto de Portugal atravessar uma crise económica importante pode potenciar o sentimento de angústia coletiva que por sua vez pode originar respostas hostis em contextos intergrupais. Tendencialmente, as pessoas acreditam que o seu grupo persistirá no tempo. Contudo, o futuro do grupo nem sempre é percebido como seguro e, em situações extremas, os indivíduos podem percecionar que o seu futuro está em risco, o que provoca uma resposta emocional baseada na pertença grupal, a angústia coletiva (Wohl, Branscombe, & Reysen, 2010). Pode assim definir-se a angústia coletiva como a emoção associada à ansiedade gerada pela preocupação com a futura vitalidade do endogrupo (Wohl, Squires, & Caouette, 2012).

Geralmente esta emoção é despoletada pela perceção de que o endogrupo é ameaçado. Esta ameaça pode ser de dois tipos: ameaça à distinção do grupo, isto é, o indivíduo teme que, no futuro, o seu grupo perca as características que o distinguem dos outros, tal é visível, por exemplo, nos canadianos que consideram que a sua cultura e valores estão a tornar-se americanizados; e ameaça de extinção, no qual os membros de um grupo acreditam que o mesmo pode vir a ser aniquilado no futuro. Esta tende a estar

presente em grupos que foram vítimas de violência anteriormente como, por exemplo, os polacos durante a 2ª Guerra Mundial (Wohl, et al., 2012).

O facto da percepção de ameaça ser um antecedente da angústia coletiva foi comprovado num estudo anterior feito com indivíduos norte-americanos, no qual a percepção de ameaça foi induzida através da recordação de eventos como o ataque japonês a Pearl Harbor ou o atentado terrorista de 11 de Setembro. Concluiu-se que aqueles a quem foram induzidas estas memórias apresentavam mais angústia coletiva. Este estudo demonstrou ainda que a angústia coletiva tem efeito mediador na relação entre a percepção de ameaça e as atitudes intergrupais, como o preconceito e a predisposição para perdoar a violência exercida pelo endogrupo em relação ao exogrupo (Wohl & Branscombe, 2009).

Em resposta à angústia coletiva os membros do endogrupo tendem a desenvolver ações que promovam a sobrevivência do mesmo, e estas respostas podem ter um carácter construtivo ou destrutivo. Focando-nos nas respostas destrutivas verifica-se que em contexto de angústia coletiva os indivíduos tendem a não tolerar casamentos de outros membros do endogrupo com membros do exogrupo, o que indica a rejeição em manter uma relação intergrupar próxima e revela o desejo de distância social. Também se verificou que a angústia coletiva despoleta como respostas sentimentos anti-imigração, por exemplo, os ingleses que perceberam que a história de Inglaterra poderia ser descontinuada estavam mais propensos a apoiar políticas anti-imigração (Wohl, et al., 2012).

O presente estudo propõe que também a privação relativa grupal possa ser um antecedente da angústia coletiva. Especificamente, esperamos que aqueles que se sintam privados relativamente aos cidadãos de outros países europeus tendam a apresentar mais angústia relativamente ao futuro de Portugal, o que por sua vez se traduzirá em atitudes que visem a proteção da vitalidade do grupo, nomeadamente de carácter hostil face aos refugiados.

2.3- Privação relativa grupal e narcisismo coletivo

Para uma correta análise da privação relativa grupal é importante ter presente que a identificação endogrupal é um dos requisitos fundamentais para a ativação de sentimentos de privação. Ou seja, para que o indivíduo se sinta privado enquanto membro do grupo em desvantagem é necessário que se identifique como membro

representativo do mesmo (Smith & Pettigrew, 2014). Neste contexto, é expectável que indivíduos que apresentem uma forte identificação grupal estejam mais propensos a apresentar atitudes de descontentamento face a uma desvantagem do seu grupo, percecionada como injusta, do que indivíduos com menores níveis de identificação. Assim, os comportamentos de resposta face à privação relativa, não dependem apenas da percepção de desvantagem, mas também da identificação do indivíduo com o grupo privado (Abrams & Grant, 2011). Também Pettigrew no seu estudo sobre a relação entre privação relativa grupal e preconceito referiu que indivíduos relativamente privados apresentavam valores mais elevados de identificação e orgulho nacional (Pettigrew et al., 2008).

No presente estudo, focamo-nos numa forma específica de identificação endogrupal, o narcisismo coletivo, e no efeito que este pode ter na relação entre privação relativa grupal e atitudes intergrupais. O narcisismo coletivo define-se como uma forma de identificação endogrupal associada ao investimento emocional numa crença irrealista acerca da grandiosidade do grupo de pertença. Tal como no narcisismo individual, esta elevada estima de grupo tende a ser dependente da validação externa e a apresentar grande sensibilidade face a ameaças externas à imagem do endogrupo. (Zavala, Cichocka, Eidelson, & Jayawickreme, 2009). A opção de nos focarmos apenas na forma narcísica de identificação endogrupal decorre do facto de estudos anteriores terem comprovado que esta constitui um preditor de hostilidade intergrupal mais robusto que outras formas de identificação com o endogrupo, como a glorificação nacional, patriotismo cego, identificação nacional alta e o patriotismo construtivo (Zavala, 2011; Zavala, Peker, Guerra, & Baran, 2016).

Zavala e os seus colaboradores têm proposto que o narcisismo coletivo é a explicação para os resultados inconsistentes relativos à relação entre identificação endogrupal e hostilidade intergrupal. Apesar de geralmente a forte identificação com o endogrupo estar associada a hostilidade face ao exogrupo (Dambrun, Taylor, McDonald, Crush, & Méot, 2006), diferentes estudos têm obtido resultados diferentes (i.e., a relação pode ser positiva, negativa ou nula). Esta inconsistência deve-se, em parte, à sobreposição do narcisismo coletivo e identificação positiva com o endogrupo. De facto, quando isto é controlado verifica-se que estes dois tipos de identificação têm efeitos opostos nas relações intergrupais, sendo que apenas o narcisismo coletivo prevê

hostilidade face ao exogrupo, enquanto que a identificação saudável com o endogrupo pode promover relações intergrupais positivas (Zavala, Cichocka, & Bilewicz, 2012).

Assim esperamos que a relação positiva entre a privação relativa e a hostilidade face aos refugiados, seja mais forte em indivíduos que se identifiquem narcisicamente com Portugal.

2.4-Objetivos e Hipóteses:

Assim, neste trabalho procurámos analisar a relação entre privação relativa grupal dos portugueses e as suas atitudes face aos refugiados. Concretamente, e alargando a literatura existente sobre os efeitos negativos da privação relativa, explorámos novos mecanismos através dos quais a privação relativa grupal está associada a relações intergrupais negativas.

H1: Com base nos estudos mencionados, esperamos que privação relativa grupal do endogrupo nacional esteja positivamente associada a atitudes negativas face a refugiados, através não apenas da negação da discriminação, mas também de crenças acerca do impacto negativo que os refugiados terão na comunidade, da desumanização dos refugiados e da angústia coletiva.

H2: Hipotetizamos ainda que a relação indireta entre a privação relativa grupal e atitudes negativas face aos refugiados, é moderada pelo narcisismo coletivo. Ou seja, esperamos que esta relação seja particularmente forte nos indivíduos que se identificam narcisicamente com Portugal.

O modelo teórico encontra-se ilustrado na Figura 2.1.

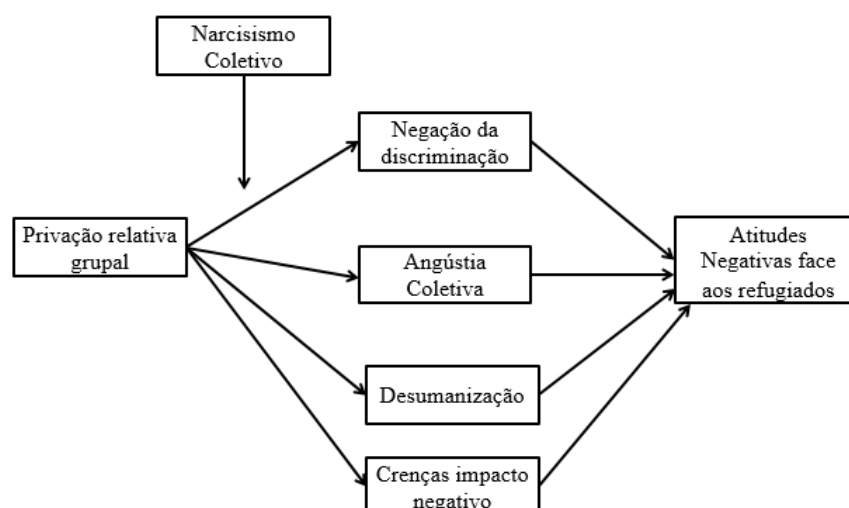


Figura 2.1- Modelo teórico

Capítulo III- Método

3.1-Amostra

A amostra foi constituída por 363 participantes (218 mulheres e 143 homens, 2 participantes preferiram não responder), com idades compreendidas entre os 18 e os 79 anos ($M = 32.63$; $DP = 12.71$). Todos os participantes se identificaram como portugueses ($N = 349$) ou portugueses de origem africana ($N = 5$). Foram excluídos do estudo 62 participantes (41 que responderam a menos de 50% do questionário, 18 que se identificaram com outro grupo nacional, 2 menores de idade e 1 que não aceitou as condições do estudo)

Relativamente ao nível de escolaridade 42.7% dos participantes referiram ter o Ensino Secundário, 33.88% a Licenciatura, 14.6 % Graus Superiores, 4.68% o Ensino Básico, 2.2 % o Bacharelato e 1.93% o Ensino Primário. No que se refere à situação profissional a maioria dos participantes estavam empregados (57.85%), 25.07% eram estudantes, 11.29% estavam desempregados, 3.03% reformados e 2.75% em outra situação.

3.2-Procedimento

Foram elaboradas duas versões do questionário, uma online através da plataforma Qualtrics ($N = 232$) e outra em formato papel ($N = 131$). O tempo de resposta foi, em média, 10 minutos.

A versão online foi divulgada através de redes sociais, tendo sido constituída por conveniência. A versão em papel foi distribuída em grupos de 10 ou 20 cópias por diversas pessoas que posteriormente os redistribuíram nos seus locais de trabalho. Constituindo assim amostragem através do método bola de neve. Os dados foram recolhidos em Abril de 2016.

Antes da aplicação do questionário foi apresentado um texto aos participantes onde eram explicados os objetivos do estudo e o propósito para que seriam

usados os dados recolhidos. Nesse texto era ainda reforçado o carácter voluntário e anónimo da sua participação e a importância de responder forma sincera.

3.3-Instrumento¹

3.3.1-Dados sociodemográficos. Na primeira parte do questionário foram pedidos alguns dados demográficos aos participantes, incluindo a idade, o sexo, escolaridade, situação profissional e nacionalidade. Os participantes indicaram também com qual dos grupos nacionais mais se identificavam, (1- Portugueses; 2- Portugueses de origem africana; 3- Portugueses de origem brasileira; 4- Africanos; 5- Brasileiros e; 6- Outro). Foi também avaliado o auto posicionamento político e religioso, para isso, os participantes indicaram numa escala de 7 pontos o seu posicionamento (1- *Muito à esquerda*, 4- *Nem esquerda nem direita* e 7- *Muito à direita*; 1 -*Nada religioso* e 7- *Muito religioso*.)

3.3.2-Privação relativa grupal. A privação relativa grupal foi medida tendo como endogrupo Portugal e como exogrupo de referência os outros países europeus. Foram utilizados para medir este conceito dois itens (Guimond & Dubé-Simard, 1983), um relativo à componente cognitiva da privação relativa, ou seja, à percepção de privação e outro referente à componente afetiva da privação, ou seja, à frustração. Os participantes indicaram numa escala tipo Likert de 7 pontos (1- *Discordo fortemente* a 7- *Concordo fortemente*) o seu grau de concordância com cada um (*Os portugueses ganham menos que os outros europeus; Sinto-me frustrado pelo que as pessoas em Portugal ganham relativamente a outros europeus*). Estes dois itens apresentaram uma correlação positiva forte ($r = .67, p < .001$).

3.3.3-Negação da discriminação. Os participantes indicaram o seu grau de concordância (1- *Discordo fortemente* a 7- *Concordo fortemente*) com dois itens (Pettigrew et. al., 2008), (*Em Portugal existe muita discriminação contra os refugiados o que limita as suas hipóteses de ter uma integração bem sucedida. Os refugiados não são discriminados em Portugal* -invertido). Os itens apresentaram uma correlação positiva ($r = .49, p < .001$)

¹ Foram também aplicadas, no âmbito de um projecto mais alargado, medidas de interesse e ineficácia política (Klemmensen, Hatemi, Hobolt, Skytthe, & Norgaard, 2012), de identificação com a Europa (Leach et al., 2008) e de percepção de ameaça (Wohl e Branscombe, 2009).

3.3.4-Crença sobre o impacto dos refugiados. Os participantes indicaram, numa escala tipo Likert, qual a probabilidade (1- *Nada provável* a 5- *Muito provável*) dos refugiados terem um impacto negativo em Portugal (*Quão provável é que a chegada de refugiados tenha um impacto negativo no emprego dos cidadãos portugueses, Pondo de lado preocupações com o emprego, quão provável é que a chegada de refugiados tenha um impacto negativo no estilo de vida da comunidade portuguesa*, Valentino, et al., 2012). Os dois itens estavam fortemente correlacionados ($r = .81, p < .001$).

3.3.5-Desumanização. Foi usada a versão adaptada de 8 itens (Bastian, Jetten, & Radke, 2011) da escala de desumanização de Bastian e Haslam (2010). Os participantes indicaram o seu grau de concordância com os 8 itens numa escala tipo Likert de 7 pontos (1- *Discordo fortemente* e 7- *Concordo fortemente*). A negação da singularidade humana incluiu itens relativos a elementos distintivos da espécie humana como a cultura, a inteligência e a responsabilidade moral. (item exemplo: “*Os refugiados não têm autocontrolo, como se fossem animais*” ($\alpha = .69$). A sub-dimensão negação da natureza humana incluiu itens relativos a elementos essenciais à natureza humana (item exemplo: “*São mecânicos e frios, como se fossem robots*”) ($\alpha = .73$),

3.3.6-Angústia coletiva. Os participantes indicaram o seu grau de concordância com 4 itens (Wohl, Branscombe & Reysen; 2010) numa escala tipo Likert (1- *Discordo fortemente* a 7- *Concordo fortemente*), (Item exemplo: *Eu tenho receio que a futura vitalidade de Portugal esteja em perigo*, ($\alpha = .71$).

3.3.7-Racismo moderno. Para avaliar o racismo moderno face a refugiados foram utilizados 5 itens (Wohl & Branscombe, 2009) (item exemplo: *Os refugiados não se deveriam impor onde não são desejados*). Os participantes indicaram a sua concordância com cada um numa escala tipo Likert de 7 pontos, sendo (1- *Discordo fortemente* e 7- *Concordo fortemente*) ($\alpha = .72$).

3.3.8-Distância social. Os participantes indicaram o seu grau de favorabilidade numa escala tipo Likert (1 *Nada favorável* e 5 *Muito favorável*) relativamente a ter refugiados como colegas de turma, vizinhos, professores, colegas de trabalho, hóspedes e casados com pessoas da sua família. ($\alpha = .96$). Todos os itens foram invertidos de modo a que pontuações mais altas significassem maior distância social.

3.3.9-Apoio a políticas anti-imigração. Os participantes indicaram o seu grau de concordância numa escala tipo Likert (1- *Discordo fortemente* a 7- *Concordo fortemente*) com medidas políticas específicas referentes ao acolhimento de refugiados relacionadas com emprego, acesso ao serviço nacional de saúde, acesso a habitação social, direito a benefícios sociais e com o número de refugiados a serem recebidos adaptados de Valentino, et al., 2012), (item exemplo: *Os refugiados só devem ser autorizados a ter trabalhos que não possam ser realizados por portugueses.* ($\alpha = .81$))

3.3.10-Narcisismo coletivo. A identificação narcísica com o endogrupo, neste caso com Portugal, foi medida através da Escala de Narcisismo Coletivo (Zavala, et al., 2009). Os participantes indicaram, numa escala tipo Likert (1- *Discordo fortemente* a 7- *Concordo fortemente*), o grau de concordância com 9 itens (item exemplo: *Os portugueses merecem um tratamento especial*) ($\alpha = .85$).

3.3.11-Identificação endogrupal. Para avaliar a identificação endogrupal não narcísica foi utilizada a Escala de Identificação Endogrupal (Leach et al., 2008). Os participantes indicaram, numa escala tipo Likert de 7 pontos (1- *Discordo fortemente* a 7- *Concordo fortemente*), o seu grau de concordância com 14 itens ($\alpha = .92$), correspondentes a duas dimensões, subdivididas em cinco componentes, sendo elas a auto definição ($\alpha = .87$) constituída por auto estereotipo ($r = .91, p < .001$) e pela homogeneidade endogrupal ($r = .77, p < .001$); e o auto investimento ($\alpha = .91$), constituído pela solidariedade ($\alpha = .80$), satisfação ($\alpha = .88$) e centralidade ($\alpha = .79$). (Item exemplo: *Ser português é uma parte importante da minha identidade. Eu sinto uma ligação com os outros portugueses*).

Capítulo IV- Resultados

Os resultados descritivos, médias e correlações são apresentados na Tabela 4.1. A análise do modelo teórico proposto foi realizada através da PROCESS bootstrapping macro (Hayes, 2013) para SPSS com 5,000 resamples e 95% bias-corrected standardized bootstrap CI. Testámos modelos separados para cada variável dependente, uma vez que a PROCESS não permite a inclusão de múltiplas variáveis critério. A privação grupal relativa entrou como variável preditora em todos os modelos, os mediadores simultâneos foram as crenças acerca do impacto dos refugiados na comunidade portuguesa, a negação da natureza humana, a negação da singularidade humana, a negação da discriminação e a angústia coletiva.

Importa referir, que devido ao fato do auto posicionamento político e religioso se correlacionarem com as variáveis mediadoras e dependentes (Tabela 4.1), os modelos apresentados foram testados controlando o seu efeito nas mesmas. Contudo, uma vez que a existência de covariáveis pode gerar falsos positivos (Simmons, Nelson, & Simonsohn, 2011), os modelos foram replicados sem as mesmas, sendo que os resultados foram semelhantes.

4.1-Privação relativa grupal e atitudes face a refugiados

4.1.1-Privação relativa grupal, impacto dos refugiados, desumanização, angústia coletiva e negação da discriminação. Os participantes apresentaram uma média de privação relativa grupal elevada ($M = 6.01$; $DP = 1.08$) e, tal como esperado, os resultados revelam que a esta privação relativa grupal está positivamente associada às crenças sobre o impacto negativo dos refugiados na sociedade portuguesa ($b = .28$, $p < .001$), à desumanização pela negação da natureza humana ($b = .15$, $p < .01$) e à desumanização pela negação da singularidade humana ($b = .11$, $p < .05$). Contrariamente ao esperado, a privação relativa grupal não esteve significativamente associada à angústia coletiva e à negação da discriminação (Tabela 4.2).

4.1.2 – Privação relativa grupal e racismo moderno. Dos cinco mediadores analisados, apenas o impacto negativo dos refugiados ($b = .44$; $p < .001$), a desumanização pela negação da natureza humana ($b = .21$; $p < .05$) , e a negação da discriminação ($b = .11$; $p < .001$) estiveram positivamente associados ao racismo moderno (Tabela 4.2). Assim, confirmando parcialmente H1, a privação relativa grupal teve um efeito indireto positivo no racismo moderno face aos refugiados, através, das crenças acerca do impacto que os refugiados terão na comunidade portuguesa ($b = .12$, 95% CI [.0680 ; .1959]) e da negação da natureza humana ($b = .03$, 95% [CI.0061; .0864]).

4.1.3-Privação relativa grupal e distância social face aos refugiados. À semelhança do ocorrido anteriormente, dos cinco mediadores analisados apenas o impacto negativo dos refugiados ($b = .23$; $p < .001$) , a desumanização pela negação da natureza humana ($b = .21$; $p < .05$) e a negação da discriminação estiveram ($b = .07$; $p < .05$) positivamente associados ao desejo de maior distância social face a refugiados (Tabela 4.2). Assim, replicando os resultados encontrados para a racismo moderno, verificou-se a existência de um efeito indireto significativo da privação relativa grupal

na distância social, através da crença de impacto negativo dos refugiados ($b = .06$, 95% [CI .0334 ; .1133]) e da negação da natureza humana ($b = .05$, 95% [CI .0134; .1106]).

4.1.3-Privação relativa grupal e apoio a políticas anti-imigração. Tal como nos modelos anteriores, verificou-se que as crenças de impacto negativo dos refugiados ($b = .38$ $p < .001$) e a desumanização através da negação da natureza humana ($b = .44$; $p < .001$) estavam positivamente associadas ao apoio a políticas contrárias ao acolhimento de refugiados (Tabela 4.2). Consistente como os resultados anteriores, o efeito positivo indireto da privação relativa grupal no apoio a políticas anti- imigração, foi mediado pela crença de impacto dos refugiados ($b = .11$, 95% [CI .0618 ; .1855]) e pela negação da natureza humana ($b = .07$, 95% [CI .0269 ; .1643]).

No geral, conclui-se que a privação relativa grupal teve um efeito indireto positivo em todas as variáveis dependentes analisadas, sempre através das crenças de impacto negativo dos refugiados e da desumanização, através da negação daquilo que é essencial à natureza humana.

4.2- Efeito moderador do narcisismo coletivo

Posteriormente foi testado se o narcisismo coletivo moderava a relação indireta entre a privação relativa grupal e as três variáveis dependentes, concretamente se moderava a relação entre privação relativa grupal e os mediadores que se revelaram significativos (impacto dos refugiados na comunidade portuguesa e negação da natureza humana) (H2).

Através da interpretação do índice de mediação moderada (Hayes, 2015), verificou-se que o narcisismo coletivo não moderou o efeito indireto da privação relativa grupal no racismo moderno, através das crenças acerca do impacto dos refugiados (95% [CI -.0543 ; .0411]) e da negação da natureza humana (95% [CI -.0508 ; .0132]).

Resultados semelhantes foram encontrados relativamente à moderação do efeito indireto da privação relativa grupal na distância social através das crenças de impacto dos refugiados (95% [CI = -.0350 ; .0200]) e da negação da natureza humana (95% [CI = -.0597; .0201]).

Tabela 4.1*Médias, Desvio-padrão e Correlações*

	M	DP	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1- Auto posicionamento Político	3.58	1.24													
2-Auto posicionamento religioso	3.23	1.97	.294***												
3- Narcisismo coletivo	4.47	1.07	.143**	.331***											
4- Identificação Portugal	5.08	0.99	.131*	.338***	.609***										
5- PRG	6.01	1.08	.014	.017	.230***	.204***									
6- Angústia coletiva	3.62	1.01	.056	-.033	-.108*	-.386***	.046								
7- Negação discriminação	3.52	1.36	.061	.071	.077	.122*	.076	.048							
8- Crença impacto dos refugiados	2.88	1.32	.311***	.230***	.439***	.278***	.176**	.113*	.144**						
9- Negação SH	3.43	0.96	.261***	.207***	.365***	.155**	.100	.166**	.202***	.546***					
10-Negação NH	3.51	1	.289***	.245***	.385***	.166**	.121*	.238***	.202***	.570***	.798***				
11- Racismo moderno	3.56	1.18	.280***	.217***	.457***	.236***	.110*	.129*	.232***	.667***	.544***	.569***			
12- Distância social	2.79	0.95	.227***	.211***	.377***	.137*	.145**	.150**	.233***	.602***	.579***	.634***	.553***		
13- Apoio Políticas anti-imigração	3.63	1.31	.335***	.239***	.423***	.147**	.177**	.202***	.189***	.684***	.609***	.668***	.643***	.704***	

Nota: * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$

Por último, registaram -se resultados idênticos no efeito da indireto da privação relativa grupal no apoio a políticas anti-imigração, através do impacto dos refugiados (95% [C.I = -0490 ; 0394]) e da negação da natureza humana (95% [C. I = -0782 ; 0309]).

Concluiu-se assim, que o narcisismo coletivo não modera a relação mediada entre a privação relativa grupal e as atitudes face a refugiados, medidas neste estudo através de três variáveis: racismo moderno, distância social e apoio a políticas anti-imigração.

4.3-Narcisismo coletivo e atitudes negativas face a refugiados vs outras formas de identificação

Apesar do narcisismo coletivo não ter um efeito moderador na relação indireta entre privação relativa grupal e as atitudes face a refugiados, verificou se que o mesmo apresentou correlações positivas com as três variáveis dependentes: racismo moderno ($r = .46$; $p < .001$), distância social ($r = .38$; $p < .001$) e apoio a políticas anti imigração ($r = .42$; $p < .001$).

Assim considerou-se oportuno explorar a existência de uma relação direta entre o narcisismo coletivo e as atitudes negativas face a refugiados controlando o impacto da identificação nacional positiva. Foi realizado um modelo de regressão linear simples, e, tal como esperado, apenas o narcisismo coletivo teve um efeito direto positivo nas três variáveis dependentes: racismo moderno ($b = .49$; $p < .001$), distância social ($b = .46$; $p < .001$) e apoio a políticas anti-imigração ($b = .52$; $p < .001$). Já a identificação positiva com Portugal, quando controlado o efeito do narcisismo coletivo, revelou uma relação negativa com a distância social ($b = -.14$; $p < .05$) e com o apoio a políticas anti-imigração ($b = -.17$; $p < .01$), não estando associada ao racismo moderno ($b = -.06$; $p = .33$). Assim, apenas a forma narcísica de identificação endogrupal esteve associada a atitudes intergrupais negativas, enquanto que uma forma de identificação nacional mais positiva reduziu a hostilidade face aos refugiados.

Tabela 4.2*Coefficientes do modelo de mediação*

	Crenças impacto dos refugiados (M)	Negação NH (M)	Negação SH (M)	Negação discriminação (M)	Angústia coletiva (M)	Racismo moderno (Y)	Distância social (Y)	Apoio a políticas anti-imigração (Y)
Privação relativa grupal (X)	.28***	.15**	.10*	.12	.09	-.04	.02	.09
Auto posicionamento político (COV)	.28***	.18***	.15***	.03	.07	.04	-.01	.09*
Auto- posicionamento religioso (COV)	.08*	.09***	.08**	.04	-.03	.01	.02	.02
Constant	.00	1.69***	2.04***	2.50***	2.92***	.78*	.30	-.64
Crenças impacto dos refugiados (M)	-	-	-	-	-	.44***	.23***	.38***
Negação NH (M)	-	-	-	-	-	.21*	.31***	.44***
Negação SH (M)	-	-	-	-	-	.12	.09	.14
Negação discriminação (M)	-	-	-	-	-	.11***	.07*	.04
Angústia coletiva (M)	-	-	-	-	-	.01	.00	.04

Nota: * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$

Os coeficientes de regressão apresentados na tabela não são estandardizados.

Capítulo V- Discussão

Este trabalho analisou a relação entre privação relativa grupal dos portugueses e as suas atitudes face aos refugiados. Concretamente, e alargando a literatura existente sobre os efeitos negativos da privação relativa, explorámos novos mecanismos (i.e., crenças de impacto negativo, desumanização, e angústia coletiva) através dos quais a privação relativa grupal está associada a relações intergrupais negativas. A relação entre privação relativa grupal e hostilidade face aos refugiados foi assim analisada num modelo teórico mais amplo, de modo a explorar novos os mecanismos através dos quais afeta as relações entre grupos.

Tal como esperado, dada a situação prolongada de crise económica e social do país, os resultados revelaram que os portugueses se sentem privados relativamente aos cidadãos de outros países da Europa, e que essa privação origina sentimentos de frustração. Esta privação relativa grupal refletiu-se nas atitudes intergrupais, confirmando-se que o facto dos portugueses se sentirem privados relativamente a outros europeus se relacionou positivamente com hostilidade face aos refugiados. Especificamente, e confirmando a robustez dos resultados, a privação relativa grupal teve efeitos indiretos significativos em todas as variáveis dependentes: o racismo moderno, o desejo de distância social e o apoio a políticas anti-imigração, que neste contexto envolveram medidas contrárias ao acolhimento de refugiados e ao seu acesso gratuito a serviços públicos, como a saúde e a habitação social.

A associação positiva entre privação relativa grupal e atitudes negativas face ao exogrupo já tinha sido comprovada em estudos anteriores (Pettigrew et al., 2008 ; Jetten, et al., 2015; Abrams & Grant, 2011). Contudo o presente estudo verificou que o facto dos portugueses se sentirem privados face a um grupo de referência esteve associado a atitudes negativas face a outro exogrupo, que não estava diretamente relacionado com o sentimento de privação, o que confirma que emoções baseadas no endogrupo, como a privação relativa grupal, podem originar comportamentos intergrupais generalizados (Rees, et al., 2013).

Este estudo explorou, pela primeira vez novos mecanismos que explicam os efeitos negativos da privação grupal. Foram testadas variáveis mediadoras (i.e., negação da discriminação, crenças de impacto dos refugiados na comunidade portuguesa,

desumanização e angústia coletiva), sendo que os resultados confirmaram apenas os efeitos indiretos da privação através das crenças negativas e da desumanização. Especificamente, os resultados revelaram que níveis elevados de privação relativa grupal estão associados à crença que os refugiados têm um impacto negativo na comunidade portuguesa, o que por sua vez, se relacionou com um maior apoio a políticas que limitam o acesso dos refugiados a benefícios sociais, a um maior desejo de distância social face aos refugiados e ainda a mais racismo moderno. Para uma melhor compreensão destes resultados importa referir que um dos principais setores onde foi avaliado o impacto foi no emprego. Ou seja, os portugueses, que já enfrentam altas taxas de desemprego, percebem que o acolhimento de refugiados pode ter um impacto negativo no mesmo, o que levou a atitudes contrárias a esse acolhimento.

Também a desumanização mediou a relação entre privação relativa grupal e racismo moderno, distância social e apoio a políticas anti-imigração, confirmando a desumanização como um mecanismo psicológico que sustenta as atitudes negativas face a refugiados (Trounson, Critchley & Pfeifer, 2015) mas apenas na forma de desumanização através da negação da natureza humana. Ou seja, quanto maior a privação relativa grupal maior a negação nos refugiados daquilo que é essencial ao ser humano, como as emoções, aproximando-os assim de robôs, o que se traduziu em atitudes intergrupais negativas. Contrariamente ao esperado, a desumanização por negação da singularidade humana não esteve relacionada com hostilidade intergrupal. Uma das justificações para o facto de apenas a desumanização através da negação da natureza humana ser relevante neste estudo pode ser o estereótipo dos refugiados. Lembramos que grande parte dos participantes mencionaram que quando pensam em refugiados os associam ao islamismo e que os muçulmanos tendem a ser estereotipados como pouco calorosos, ameaçadores e violentos, assim como “extremistas” e “fundamentalistas” demonstrando uma mentalidade pouco aberta (Sides & Gross, 2013)

Os resultados revelaram ainda que, ao contrário do esperado, o sentimento de privação vivenciado em contexto de crise não está relacionado com a angústia coletiva, isto é o facto de se sentirem privados face a outros grupos não fez com que os portugueses temessem pela vitalidade futura do país. De facto, e apesar da angústia coletiva estar associada a maior distância social, mais racismo moderno e menor apoio às políticas de apoio aos refugiados, os efeitos negativos da privação relativa grupal nas atitudes face aos refugiados não ocorreram através deste sentimento de angústia.

De realçar também que foi testado o papel mediador da negação da discriminação, já testado em estudos anteriores (Pettigrew et al; 2008). No entanto, contrariamente aos resultados anteriores, verificou-se que a negação da discriminação deixa de ser um mediador quando são inseridos simultaneamente outros mecanismos (i.e., crenças negativas, desumanização, e angústia coletiva). Contrariamente aos estudos anteriores, a privação grupal não esteve associada de forma significativa à negação da discriminação, mas salientamos que estes estudos não envolveram atitudes face aos refugiados. Outra diferença importante que pode explicar este resultado diz respeito ao facto de no presente estudo ter sido analisada a relação da privação relativa grupal e atitudes face a um exogrupo que não está diretamente relacionado com este sentimento de privação, ao contrário dos estudos de Pettigrew que insidiam nas atitudes face ao grupo referente à privação. Assim a negação da discriminação pode ser mais suscetível de mediar a relação entre privação relativa grupal e atitudes intergrupais quando as mesmas são referentes ao grupo face ao qual os indivíduos se sentem privados.

Por fim, foi ainda testado se o narcisismo coletivo moderava a relação indireta entre privação relativa grupal e atitudes face aos refugiados. Contrariamente ao esperado (H2) os resultados revelaram que a relação, positiva, entre privação grupal e distância social, racismo moderno e políticas restritivas de apoio, não era particularmente forte nos indivíduos com uma forte identificação narcísica com Portugal. Contudo verificou-se que o narcisismo coletivo esteve positivamente associado à hostilidade face aos refugiados, contrariamente a uma forma de identificação positiva com o endogrupo que apresentou mesmo uma relação negativa com o apoio a políticas anti-imigração e com o desejo de distância social face a refugiados. Estes resultados são consistentes com estudos anteriores que mostram que a identificação narcísica é a única forma de identificação preditora de hostilidade enquanto que formas de identificação endogrupal mais positivas potenciam relações intergrupais mais amigáveis (Zavala, 2011; Zavala, et al., 2009, Zavala & Cichocka, 2011).

5.1-Limitações e orientações futuras

Uma das principais limitações deste estudo é o facto do mesmo ser correlacional o que não permite fazer inferências de causalidade, assim consideramos importante a realização de futuros estudos experimentais que permitam replicar os resultados

recorrendo à manipulação da privação relativa grupal. A realização de um estudo recorrendo à manipulação da privação relativa grupal é fundamental para confirmar que o sentimento de privação face a um exogrupo pode influenciar atitudes face a outro grupo que não está relacionado com a privação, ou seja, pode originar atitudes intergrupais generalizadas. Um estudo experimental permitiria ainda comparar os resultados obtidos em indivíduos privados e não privados, esta comparação foi uma dificuldade sentida neste estudo uma vez que quase todos os participantes apresentavam níveis elevados de privação relativa grupal.

Outra limitação do presente estudo é o facto de grande parte da amostra ter sido recolhida via online o que não nos permite controlar as condições da sua aplicação.

No presente estudo apenas foi tida em consideração a privação relativa, esta escolha encontra justificação no período de crise financeira, económica e social que Portugal vivencia, tornando mais pertinente o estudo do impacto que o sentimento de privação neste contexto possa ter na receção de refugiados. Contudo, considera-se que seria oportuno que este estudo fosse replicado em países que se encontrem numa fase de crescimento económico, com vista a confirmar se os resultados se mantêm num cenário de gratificação relativa. De facto, alguns estudos indicam que além da privação relativa, também a gratificação relativa, ou seja, a perceção de que o indivíduo ou o seu grupo está em vantagem em relação a outro de referência, é preditora de atitudes negativas face a imigrantes, de apoio a políticas anti-imigração e de preconceito (Dambrun, Taylor, McDonald, Crush, & Méot, 2006). Estes estudos foram comprovados em contextos históricos como as eleições na Alemanha na década de 30, onde o PNSTA, partido nacional socialista de Hitler, teve maior apoio eleitoral entre os trabalhadores relativamente privados, mas também entre a classe média mais influente (Jetten, et al., 2015

Por fim, e apesar do narcisismo coletivo não ter moderado o efeito indireto da privação relativa grupal nas atitudes os resultados mostraram que esta forma de identificação com o endogrupo é a que melhor prediz a hostilidade intergrupais. Este resultado, aliado a estudos recentes que incluíram a identificação endogrupal e a privação relativa grupal como preditores de atitudes intergrupais (Abrams & Grant ; 2011) salienta a necessidade de explorar melhor estas duas variáveis e a forma como as mesmas interagem na explicação de fenómenos intergrupais.

Apesar destas limitações, o presente estudo contribuiu para a investigação sobre o impacto das desigualdades sociais nas relações entre grupos, mostrando pela primeira vez, que a privação relativa grupal tem efeitos negativos que vão além do grupo relativamente ao qual se sente a desvantagem. De facto, este é um dos principais contributos deste trabalho, a par da ilustração de novos mecanismos intergrupais através dos quais a privação afeta as relações intergrupais. Acreditamos que para além destas implicações teóricas, este trabalho pode contribuir de forma prática para alertar para os custos que a desigualdade social pode trazer a uma Europa que atravessa uma profunda crise social, económica e identitária.

Referências

- Abrams, D. & Grant, P. (2011). Testing the social identity relative deprivation (SIRD) model of social change: The political rise of Scottish nationalism. *British Journal of Social Psychology*, 1-15.
- Andrighetto, L., Baldissarri, C., Lattanzio, S., Loughnan, S. & Volpato, C. (2014). Humanitarian aid? Two forms of dehumanization and willingness to help after natural disasters. *British Journal of Social Psychology*, 53, 573–584.
- Bridges, S. & Mateut, S. (2014). Should they stay or should they go? Attitudes towards immigration in Europe. *Scottish Journal of Political Economy*, 61, 397-429.
- Buffel, V., Van de Velde, S. & Bracke, P. (2015). The mental health consequences of the economic crisis in Europe among the employed, the unemployed, and the non-employed. *Social Science Research*, 54, 263-288.
- Constituição da república portuguesa, VII revisão constitucional*. (2005). Lisboa: Assembleia da República – Divisão de Edições.
- Costello, K. & Hodson, G. (2014). Explaining dehumanization among children: The interspecies model of prejudice. *British Journal of Social Psychology*, 53, 573–584.
- Cuddy, A., Rock, M. & Norton, M. (2007). Aid in the aftermath of hurricane Katrina: Inferences of secondary emotions and intergroup helping. *Group Processes & Intergroup Relations*, 10, 107–118.
- Eurostat. (2016). Salários e custo da mão de obra. Retirado de http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Wages_and_labour_costs/pt.
- Guimond, S. & Dube-Simard, L. (1983). Relative deprivation theory and the Quebec nationalist movement: The cognition-emotion distinction and the personal-group deprivation issue. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 526-535.
- Haslam, N. (2006). Dehumanization: An integrative review. *Personality and Social Psychology Review*, 10, 252–264.

- Héricourt, J. & Spielvogel, G. (2014). Beliefs, media exposure and policy preferences on immigration: evidence from Europe. *Applied Economics*, 46, 225–239.
- Instituto nacional de estatística. (2016) Taxa de desemprego (%) da população ativa com idade entre 15 e 74 anos por sexo.
- Instituto nacional de estatística. (2016) Taxa de desemprego (%) da população ativa com idade entre 15 e 74 anos por sexo.
- Iturbe-Ormaetxe, I. & Romero, J. (2015). Financing public goods and attitudes toward immigration. *European Journal of Political Economy*, 44, 159-178.
- Jetten, J., Mols, F. & Postmes, T. (2015). Relative deprivation and relative wealth enhances anti-immigrant sentiments: The v curve re-examined. *PLOS ONE*. 1-24
- Karanikolos, M., Mladovsky, P., Cylus, J., Thomson, S., Basu, S., Stuckler, D. & ... McKee, M. (2013). Financial crisis, austerity, and health in Europe. *The Lancet*, 381, 1323-1331.
- Leach, C., Zomer, M., Zebel, S., Vliek, M., Pennekamp, S. Doosje, B. & ... Spears, R. (2008). Group-level self-definition and self-investment: A hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 144 –165.
- Pettigrew, T. (2015). Samuel Stouffer and relative deprivation. *Social Psychology Quarterly*, 78, 7–24.
- Pettigrew, T., Christ, O., Wagner, U., Meertens, R., Dick, R. & Zick, A. (2008). Relative deprivation and intergroup prejudice. *Journal of Social Issues*, 64, 385-401.
- Postelnicescu, C. (2016). Europe's new identity: The refugee crisis and the rise of nationalism. *Europe's Journal of Psychology*, 12, 203-209.
- Rees, J., Allpress, J. & Brown, R. (2013). Nie wieder: Group-based emotions for in-group wrongdoing affect attitudes toward unrelated minorities. *Political Psychology*. 34, 387-407.
- Runciman, W. (1966). *Relative deprivation and social justice*. London: Routledge & Kegan Paul.

- Sides, J. & Gross, K. (2013). Stereotypes of muslims and support for the war on terror. *The Journal of Politics*, 75, 583–598.
- Simmons, J., Nelson, L. & Simonsohn, U. (2011). False-positive psychology: Undisclosed flexibility in data collection and analysis allows presenting anything as significant. *Psychological Science*, 22, 1359– 1366.
- Smith, H. & Pettigrew, T. (2015). Advances in relative deprivation theory and research. *Soc Just Res*, 28, 1-6.
- Smith, H. & Pettigrew, T. (2014). The subjective interpretation of inequality: A model of the relative deprivation experience. *Social and Personality Psychology Compass*, 8, 755–765.
- Stouffer, S., Suchman, E., DeVinney, L., Star, S., & Williams, R. (1949). *The american soldier: Vol. 1. Adjustment during army life*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Trounson, J., Critchley, C., & Pfeifer, J. (2015). Australian attitudes toward asylum seekers: Roles of dehumanization and social dominance theory. *Social behavior and personality*.43. 1641–1656
- U. N. Refugee Agency. (2015). Global trends: Forced displacement in 2015.
- Valentino, N., Brader, T. & Jardina, A. (2012). Immigration opposition among U.S. whites: General ethnocentrism or media priming of attitudes about latinos? *Political Psychology*.
- Wohl, M. & Branscombe, N. (2009). Group threat, collective angst, and ingroup forgiveness for the war in Iraq. *Political Psychology*, 30, 193-217.
- Wohl, M., Branscombe, N. & Reysen, S. (2010). Perceiving your group's future to be in jeopardy: Extinction threat induces collective angst and the desire to strengthen the ingroup. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 36, 898– 910.
- Wohl, M., Squires, E. & Caouette, J. (2012). We were, we are, will we be? The social psychology of collective angst. *Social and Personality Psychology Compass*, 6, 379–391.

- Zavala, A. (2011). Collective narcissism and intergroup hostility: The dark side of ‘in-group love’. *Social and Personality Psychology Compass*, 5, 309–320.
- Zavala, A. & Cichocka, A. (2012). Collective narcissism and anti-semitism in Poland. *Group Processes & Intergroup Relations*, 15, 213–229.
- Zavala, A., Cichocka, A., Eidelson, R. & Jayawickreme, N. (2009). Collective narcissism and its social consequences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97, 1074–1096.
- Zavala, A., Peker, M., Guerra, R. & Baran, T. (2016). Collective narcissism predicts hypersensitivity to in-group insult and direct and indirect retaliatory intergroup hostility. *European Journal of Personality*.

Anexo A



CONSENTIMENTO INFORMADO

Este trabalho está a ser realizado no âmbito da obtenção do grau de mestre em Psicologia Social e das Organizações pelo ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Rita Guerra.

Neste trabalho pretendemos conhecer a opinião dos Portugueses sobre a actual crise de refugiados. Se consentir participar neste estudo, ser-lhe-á pedido que responda a um breve questionário.

O questionário não coloca perguntas embaraçosas ou que de alguma forma lhe poderão causar danos. De acordo com as normas da Comissão de Protecção de Dados, as respostas que indicar serão completamente anónimas e confidenciais e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em Revistas da especialidade.

O preenchimento deste questionário deverá demorar cerca de 12 minutos. A sua participação é voluntária e pode desistir a qualquer momento.

Por favor lembre-se:

- Não existem respostas certas ou erradas. Queremos saber o que VOCÊ pensa e sente.
- As pessoas são diferentes e por isso irão responder aos questionários de formas diferentes – por favor dê a SUA resposta pessoal.
- Não é preciso gastar muito tempo em nenhuma pergunta – use o seu primeiro instinto para decidir a sua resposta.

Se quiser receber uma explicação dos objetivos ou resultados do estudo, poderá pedi-la para ao responsável deste estudo, indicado em baixo.

Se consentir participar neste estudo, por favor assine em baixo indicando o seu consentimento.

Obrigada!

Data

Assinatura

Mestranda Maria Teresa Neves (mtjns@iscte.pt),

Prof. Dr. Rita Guerra (email: ana_rita_guerra@iscte.pt)

Sobre si

1. Idade (utilize números para indicar anos)

2. Sexo:

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Prefiro não responder

3. Escolaridade

- ☐ Ensino Primário
- ☐ Ensino Básico
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Bacharelato
- ☐ Licenciatura
- ☐ Pós-Graduação/ Grau Avançado (Mestrado, Doutoramento, Pós-Doutoramento)

4. Situação profissional:

- ☐ Estudante
- ☐ Empregado
- ☐ Desempregado
- ☐ Reformado
- ☐ Outro

5. Nacionalidade:

- ☐ Portuguesa
- ☐ Estrangeira _____ (se estrangeira, indique qual)

6. Com qual destes grupos mais se identifica? (escolha apenas 1 opção):

- ☐ Portugueses
- ☐ Portugueses de origem africana
- ☐ Portugueses de origem brasileira
- ☐ Africanos
- ☐ Brasileiros
- ☐ Outros

Se seleccionou “Outro” indique:

Eu identifico-me como _____

7. Politicamente posiciona-se:

Muito à esquerda				Nem esquerda nem direita			Muito à direita
1	2	3	4	5	6	7	

11. Assinale de acordo com o que considera ser o seu posicionamento religioso

Nada religioso						Muito religioso
1	2	3	4	5	6	7

Indique quanto concorda ou discorda com cada uma das afirmações. Use a seguinte escala:

Discordo fortemente	Discordo	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo	Concordo fortemente
1	2	3	4	5	6	7

Por favor pense nos Portugueses e em Portugal quando responder às afirmações que se seguem:

12. Gostaria que os outros reconhecessem mais rapidamente a autoridade dos Portugueses.	1	2	3	4	5	6	7
13. Os Portugueses merecem um tratamento especial.	1	2	3	4	5	6	7

Os portugueses e o acolhimento de refugiados

14. Poucas pessoas parecem compreender plenamente a importância dos Portugueses.	1	2	3	4	5	6	7
15. Eu insisto que os Portugueses recebam o respeito que lhes é devido.	1	2	3	4	5	6	7
16. Fico realmente zangado/a quando os outros criticam os Portugueses.	1	2	3	4	5	6	7
17. Se os Portugueses tivessem “uma voz importante” no mundo, o mundo seria um lugar muito melhor.	1	2	3	4	5	6	7
18. Eu não fico chateado/a quando as pessoas não reparam nas conquistas dos Portugueses.	1	2	3	4	5	6	7
19. O verdadeiro valor dos Portugueses é frequentemente incompreendido.	1	2	3	4	5	6	7
20. Nunca estarei satisfeito/a até que os Portugueses recebam o reconhecimento que merecem.	1	2	3	4	5	6	7

Indique quanto concorda ou discorda com cada uma das afirmações.

Discordo fortemente	Discordo	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo	Concordo fortemente
1	2	3	4	5	6	7
21. Ser Português é uma parte importante de como me vejo.					1 2 3 4 5 6 7	
22. Eu penso frequentemente sobre o facto de ser Português.					1 2 3 4 5 6 7	
23. Ser Português é uma parte importante da minha identidade.					1 2 3 4 5 6 7	
24. Estou satisfeito por ser Português.					1 2 3 4 5 6 7	
25. Penso que os Portugueses têm muito de que se orgulhar.					1 2 3 4 5 6 7	
26. Ser Português faz-me sentir bem.					1 2 3 4 5 6 7	
27. É bom ser Português.					1 2 3 4 5 6 7	
28. Eu sinto uma ligação com outros Portugueses.					1 2 3 4 5 6 7	
29. Eu sinto-me solidário/a com outros Portugueses.					1 2 3 4 5 6 7	
30. Eu sinto-me comprometido/a com os Portugueses.					1 2 3 4 5 6 7	
31. Eu tenho muito em comum com o Português típico.					1 2 3 4 5 6 7	
32. Eu sou semelhante ao Português típico.					1 2 3 4 5 6 7	
33. As pessoas Portuguesas têm muito em comum.					1 2 3 4 5 6 7	
34. As pessoas Portuguesas são muito semelhantes.					1 2 3 4 5 6 7	

Indique quanto concorda ou discorda com cada uma das afirmações.

SECÇÃO II

Sobre Portugal

Indique quanto concorda ou discorda com cada uma das afirmações. Use a seguinte escala:

		Discordo fortemente		Discordo		Discordo em parte		Não concordo nem discordo		Concordo em parte		Concordo		Concordo fortemente	
		1		2		3		4		5		6		7	
35.	Os Portugueses geralmente ganham menos que os outros Europeus.	1	2	3	4	5	6	7							
36.	Sinto-me frustrado pelo que as pessoas em Portugal ganham relativamente a outros Europeus	1	2	3	4	5	6	7							

Indique quanto concorda ou discorda com cada uma das afirmações. Use a seguinte escala:

Discordo fortemente	Discordo	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo	Concordo fortemente						
1	2	3	4	5	6	7						
37. Eu sinto-me confiante que Portugal irá sobreviver						1	2	3	4	5	6	7
38. Eu sinto-me seguro acerca do futuro de Portugal						1	2	3	4	5	6	7
39. Eu sinto-me ansioso acerca do futuro de Portugal						1	2	3	4	5	6	7
40. Eu sinto que Portugal irá sempre prosperar.						1	2	3	4	5	6	7
41. Eu tenho receio que a futura vitalidade de Portugal esteja em perigo.						1	2	3	4	5	6	7
42. Em Portugal existe muita discriminação contra os refugiados o que limita as suas hipóteses de ter uma integração bem sucedida						1	2	3	4	5	6	7
43. Os refugiados não são discriminados em Portugal						1	2	3	4	5	6	7

Responda às questões usando a seguinte escala:

Nada provável							Muito provável				
1		2		3		4		5			
44. Quão provável é que a chegada de refugiados tenha um impacto negativo no emprego dos cidadãos Portugueses.		1	2	3	4	5					
45. Pondo de lado preocupações com o emprego, quão provável é que a chegada de refugiados tenha um impacto negativo no estilo de vida da comunidade Portuguesa?		1	2	3	4	5					

SECÇÃO III

Sobre Refugiados

Indique quanto concorda ou discorda com cada uma das afirmações. Use a seguinte escala:

Discordo fortemente	Discordo	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo	Concordo fortemente
1	2	3	4	5	6	7

Os refugiados:

46. São refinados e cultos.	1	2	3	4	5	6	7
47. Não têm autocontrolo, como se fossem animais.	1	2	3	4	5	6	7
48. São racionais e lógicos, ou seja, são inteligentes.	1	2	3	4	5	6	7
49. Não são sofisticados	1	2	3	4	5	6	7
50. Têm uma mentalidade aberta, ou seja, conseguem pensar abertamente sobre as coisas.	1	2	3	4	5	6	7
51. São sensíveis, ou seja, recetivos e calorosos	1	2	3	4	5	6	7
52. São superficiais, ou seja, é como se não fossem capazes de profundidade.	1	2	3	4	5	6	7
53. São mecânicos e frios, como se fossem robots.	1	2	3	4	5	6	7

Indique quanto concorda ou discorda com cada uma das afirmações.

54. A discriminação contra refugiados já não é um problema na Europa.	1	2	3	4	5	6	7
55. Ao longo dos últimos anos, os refugiados obtiveram mais economicamente do que que eles merecem.	1	2	3	4	5	6	7
56. É fácil compreender a raiva dos refugiados na Europa	1	2	3	4	5	6	7
57. Os refugiados estão a ficar demasiado exigentes na sua pressão pela igualdade de direitos.	1	2	3	4	5	6	7
58. Os refugiados não se deveriam impor onde não são desejados.	1	2	3	4	5	6	7

1 2 3 5 6 7 8 9 10

Indique até que ponto é favorável ou desfavorável a cada uma das afirmações. Use a seguinte escala:

Nada Favorável	Pouco Favorável	Nem favorável nem desfavorável	Favorável	Muito Favorável
1	2	3	4	5

Até que ponto é favorável a:

59. Ter refugiados como colegas de turma.	1	2	3	4	5
60. Ter refugiados como colegas de trabalho.	1	2	3	4	5
61. Ter refugiados como professores.	1	2	3	4	5
62. Ter refugiados como vizinhos a viver no meu bairro.	1	2	3	4	5

Os portugueses e o acolhimento de refugiados

63. Ter refugiados como hóspedes.	1	2	3	4	5
64. Ter refugiados casados com pessoas da minha família.	1	2	3	4	5

Indique quanto concorda ou discorda com cada uma das afirmações. Use a seguinte escala:

Discordo fortemente	Discordo	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo	Concordo fortemente
1	2	3	4	5	6	7

65. O número de refugiados que serão recebidos por Portugal deve aumentar	1	2	3	4	5	6	7
66. Os refugiados só devem ser autorizados a ter trabalhos que não possam ser realizados por Portugueses	1	2	3	4	5	6	7
67. Os refugiados devem ser autorizados a receber benefícios sociais (ex. rendimento social de inserção)	1	2	3	4	5	6	7
68. Os refugiados não devem ter direito a aceder gratuitamente ao serviço nacional de saúde	1	2	3	4	5	6	7
69. Os refugiados devem ter acesso à habitação social	1	2	3	4	5	6	7

☐ Quando se refere refugiados, pensa em algum grupo/ nacionalidade específico?

☐ Não

☐ Sim _____ (se sim , indique qual)

70. Já participou em ações de apoio aos refugiados (ex: manifestações, campanhas)?

☐ Sim

☐ Não